

FLAMA

N.º 1031 / ANO XXIV / 8 DE DEZEMBRO DE 1967 / 5.00

PORTUGAL CHORA

REPORTAGEM COMPLETA DA CATÁSTROFE QUE ENLUTOU O PAÍS



FLAMA

DIRECTOR: ANTÓNIO DOS REIS

ANO XXIV • N.º 1031 • 8 DE DEZEMBRO DE 1967 • PREÇO 5\$00

SUMÁRIO

EXCLUSIVO

- Porque estamos no Vietname — artigo do Presidente Lyndon Johnson 12-15
- Lynda Johnson casa por amor 48-49

ESPECIAL

- Reportagem completa da catástrofe que enlutou o País 39-46

ACTUALIDADE

- Em foco (nacional) 4-5
- Telegramas 6
- Vida moderna 67
- Em foco (internacional) 68-70

REPORTAGEM

- Romeu Correia entrevista Artur Duarte 16-18
- O 25.º aniversário da era nuclear 20-21
- Criança arrancada às águas na Madalena 26
- Evocação do passeio público no ano 1900 — pelos Parodiantes de Lisboa 32
- Artistas falam de Arte: António Areal 50-51
- Quarteto 1111: D. Sebastião chegou numa manhã de nevoeiro 56

DESPORTO

- Nossos repórteres no St. Etienne-Benfica 28-29

CRÓNICAS

- Arte e Medicina 52
- Toiros e Livros 54

RUBRICAS

- Caras e casos 6
- Cartas ao Director 8
- Desenhe um carro 24-25
- TV Programas 30-31
- Krokòdeilos 34
- Palavras Cruzadas 57
- Discos 60
- Humor 62
- Negócios e Publicidade 64

DA MULHER

- Sugestões, Culinária e Moda ... 58-59

BRINDE DE NATAL

- Uma mobília para os leitores .. 22-23

CONCURSO

- Anúncio do Concurso «É Quem É» 36-37

CAPA: UMA IMAGEM DOS FUNERAIS DE VILA FRANCA DE XIRA



AINDA A CATÁSTROFE — Ainda há lágrimas em muitos olhares e a dor continua no coração de todos, mas já é tempo de fazer o ponto desses terríveis dias da grande enxurrada que espalhou pelo País a desolação e a morte. As estatísticas, no fundo, pouca importância têm, se pensarmos na obrigação que de momento nos assiste — dar-mo-nos as mãos e, após ter enterrado os mortos, reconstruir com a segurança que nos permita encarar o futuro sem o receio de uma reedição e ajudar os que sobreviveram a carregar melhor o seu fardo. As imagens que adiante verão ficaram. Deus permita que não voltemos a publicar outras semelhantes.

EDITOR: ANTÓNIO DOS REIS / CHEFE DA REDACÇÃO: M. BEÇA MÚRIAS / SUBCHEFE DA REDACÇÃO: CARLOS CASCAIS / PROPRIEDADE DA UNIÃO GRÁFICA S.A.R. L.

Redacção, Administração e Publicidade: Rua de Santa Marta, 48 — LISBOA-2 — Telef. 44191/2-46174/5
Imprime-se na «União Gráfica», S.A.R.L., Fotogravura Nacional e na Neogravura, Limitada
PRECÁRIO (pagamento adiantado): Metrópole e Ilhas — Assinatura anual 220\$00 / Assinatura semestral 110\$00 / Assinatura trimestral 55\$00 / Exemplares avulso 5\$00 / Ultramar, Espanha e Brasil — Assinatura anual 250\$00 — Assinatura semestral 130\$00 — Exemplares avulso 7\$50 — Outros países — Assinatura anual 330\$00 — Exemplares avulso 9\$00 — POR VIA AEREA acresce a respectiva sobretaxa, por cada exemplar: Metrópole, Ilhas e Espanha 1\$60 / Restantes países 14\$00 / Mudança de endereço 1\$00. Ultramar 12\$00 / Outros países da Europa 3\$20 — A «FLAMA» declina toda a responsabilidade acerca dos documentos que lhe sejam enviados. Os originais não publicados não serão devolvidos. A colaboração geralmente é pedida pela Direcção.

LÁGRIMAS NO ROSTO DE UM PAÍS

Foi só ao cabo de longas horas prolongadas pelos dias adiante que se alcançou o quadro geral da tragédia da noite mais longa de Lisboa. Foi preciso lutar muito para arrancar à lama e aos destroços os corpos sem vida. Houve que trabalhar muito para reanimar os feridos e os que tinham ficado sem o conforto de quatro paredes (por muito frias e húmidas que fossem). Nos locais atingidos pela tragédia, vimos gente do povo, militares e bombeiros irmanados num esforço doloroso mas necessário. Por fim, cumprido o dever de enterrar os mortos e tratar dos sobreviventes, deitou-se mãos à obra da reconstrução. Mesmo de lágrimas no rosto, os homens deram-se às mãos para continuar a faina da vida.



Milhares de botas de borracha percorreram os caminhos da tragédia. A desolação frequentemente encontrada obrigava os passos a deterem-se de espanto. E as mãos juntavam-se para uma prece. EM BAIXO: O Chefe do Estado (tal como vários ministros), visitou os locais mais atingidos, na apreciação das necessidades aumentadas.





Alverca. Nunca mais! Nunca mais! Rostos destruídos pela dor. Mãos maltratadas que se estreitam na hora das lágrimas — início doloroso do tempo de luto

MADRUGADA DE 25 PARA 26 DE NOVEMBRO

A terra já recolheu piedosamente os corpos da maioria dos que morreram. No dia segundo depois da tragédia, as lágrimas voltaram redobradas: dezenas de cemitérios foram cenário de despedidas pungentes. Roupas negras pareciam ressuscitar as horas negras que enlutarão o país. Recordamos a imagem desgraçada de um homem sem idade que vimos em Vila Franca, na hora muito dolorosa dos funerais. Francisco Vicente deve ter perdido na tragédia cinquenta parentes. Uma figura destruída, imóvel, encostada a uma parede.

Um rosto indiferente, por onde as lágrimas deslizam sem parar. Não sabe quem há-de recordar: os pais, os sogros, três avós, tios, primos...

Como aconteceu? Como aconteceu? Repete-se a questão. Foi na madrugada de 25 para 26 de Novembro, Sábado para Domingo. Chovia. É normal, no Inverno. Poderia ter sido uma chuva benéfica, capaz de abrir em frutos novos muitos campos. Mas não foi. Para muita gente (demasiada gente) ela foi a desgraça ou a morte.

Ninguém sabe exactamente a que horas aconteceu a tragédia. Os ponteiros de muitos relógios agora parados indicam vários instantes precisos para diversas localidades.

Duas e cinco aqui, uma e cinquenta e três acolá, três e treze noutro lugar. Poderá ter sido bastante mais cedo: pouco antes de terminar a festa que para milhões de espectadores ainda é a TV.

Hora imprecisa, mas tão fatídica! Aliás nos laboratórios em que se «mede», «pesa» e prevê o tempo, já o volume da chuva se afigurava prenúncio de grave perigo. Os «milímetros de chuva» deixavam de ser um pormenor estatístico. Juntamente com circunstâncias várias, eram a denúncia viva (mas que ninguém fez conhecer) da desgraça que momentos depois se abateria sobre a vasta região da grande Lisboa.

Não admira, pois, que ao fim da tarde de Sábado, algumas pessoas procurassem sair de Lisboa, fugindo a um aludido ciclone.

Coincidência? Algo mais do que isso? O certo é que desencadeado o processo da calamidade, só muitas horas depois se pôde avaliar o seu alcance.

Fora de portas, a tragédia começou por se abater sobre Odivelas. Logo a seguir ao fundo da Calçada de Carriche uma paisagem desoladora substituiu os horizontes lavados da várzea. A entrada de Odivelas, a estrada abateu, destruída pelas águas, que iam devastando, ao mesmo tempo, os pobres lares construídos à beira da ribeira ou nas encostas suaves das elevações vizinhas. A ribeira transformou-se em rio, mas não se quedou satisfeita. Queria ser mar, e conseguiu-o; quando as águas se escoaram, finalmente, haviam deixado por todo o lado a mais desoladora tristeza. Morte e destruição. Carros lançados como simples bolas de papel para os pontos mais inesperados. Corpos sepultados em lodo. E tantas foram as lágrimas, que, ao fim da manhã seguinte, os vivos já não eram capazes de chorar os mortos. Vagueavam automatizados pelos traços de lama a que haviam chamado ruas e estradas. Tudo se passava na escuridão da noite. Uma pequenita que via televisão num café local morreu com o último sorriso inocente a tocar-lhe os lábios. O director de um externato a quem a tragédia destruiu a escola, podia repetir com razão: «Estou desgraçado! Estou desgraçado!» O subdelegado de saúde de Loures viajava com a mulher e as duas filhas gémeas, no seu carro, quando a enxurrada os surpreendeu, na várzea de Loures. Fora a última viagem da família... Exemplos entre exemplos. Casos entre outros casos sem história, ocorridos numa noite de luto.

Mas não se quedou por Odivelas, a tragédia. Foi muito mais além: a dois passos, destruiu o bairro da Urmeira e os Silvados, os baixos do Olival Basto e de Loures. Correu através da ribeira do Jamor, para destruir um pouco de Queluz, lá instalando uma atmosfera de pesadelo. Matou um menino pobre da «Ilha das Minhocas». Passou por Alienquer, destruindo-lhe o comércio e algumas fábricas, violando-lhe o banco, inutilizando sete viaturas dos bombeiros... Tocou Alverca e Alhandra, despejando sobre a vila montanhas de água, e aí fazendo, talvez, a primeira vítima: o aspirante a bombeiro José Carlos Basílio, 14 anos, que entendia como grande missão essa de apagar fogos e salvar pessoas em perigo... Visitou Alhandra afilhando um metro de altura de lama espalhada pelas ruas (e aqui valeu a imobilização forçada do comboio 184, que deteve em boa parte, o ímpeto das águas assassinas). Vagueou sorrateiramente pelas encostas sobranceiras a Vila Franca, daí despejando tone-

ladas de água sobre o casario. Mais além, nas Quintas, a desgraça foi quase total: da pequena aldeia de 150 pessoas apenas pouco mais de 40 sobreviveram. E por toda a parte a Morte teve campo aberto: meio milhar de vidas roubadas é o tributo de uma tragédia, cujo caminhar acabou por não ter itinerário. Ceifou onde calhou.

Na própria madrugada da tragédia deu-se também a explosão do paiol do forte do Carrascal, nas imediações de Linda-a-Velha, felizmente sem desastres pessoais. Centenas de pessoas, porém, ficaram sem casa, ou foram compelidas pelas disposições de segurança a abandonar os lares situados nas imediações do forte. Algumas boas horas depois foi lançado um boato (como sempre criminoso): o forte ia explodir de novo, pondo em grave perigo as populações de Algés e do Dafundo. Os moradores das duas localidades puseram-se em fuga, espavoridos. Era fácil acreditar. Mas era ainda mais fácil, não fossem as limitações impostas, fazer ver claramente que nem sempre é possível prever uma explosão... As limitações ajudaram indirectamente a propagação do boato, e sempre assim.

Uma palavra ganhou, nesta hora, real significado: a solidariedade. No momento em que se enterravam os mortos, cuidava-se dos feridos e desalojados. Nas ruas devoradas pelo lamaçal, homens e máquinas reconstruíam. De todas as partes do mundo, chegaram a Lisboa inequívocos testemunhos de solidariedade. Telegramas, medicamentos, donativos. Listas circulando silenciosamente nas colunas de jornais. Num dos cemitérios que visitámos, perguntei a uma senhora que actuava junto das famílias em luto, a que organismo pertencia. «A nenhum», respondeu, acrescentando: «Aqui, todos ajudamos no que podemos». O chefe do Estado e alguns ministros estiveram também sobre a lama, nos locais em que mais se sofreu, em que se tornou subitamente necessário reconstruir a vida, levantando novas casas, onde não haja vergonha de viver.

Uma questão avulta, porém: a da reconstrução da rede de esgotos que rasga as entranhas de Lisboa. Há anos que se fala nisso, sem que se encontre solução para o problema dos grandes colectores. Regozijamo-nos com a recente descoberta de termas romanas sob as principais artérias da baixa de Lisboa, sem nos lembrarmos de que isso é um sinal inequívoco de desconhecimento terrível do que existe sob Lisboa. A rede de colectores está planeada, sabe-se. Para quando a tradução dos planos em realidade?

Entretanto, seguindo as ordens competentes, realizou-se o inquérito à situação dos desalojados.

SEGUE



Este homem deve ter perdido meio cento de pessoas de família, entre parentes próximos e afastados. Ao seu redor, um quadro patético. Já não é possível encontrar lágrimas para chorar.

SEGUNDA TRAGÉDIA: CONTINUAR VIVO



«...Eram meninos da minha escola. Ainda há dias brincávamos todos». Proceso ingênuas de almas puras



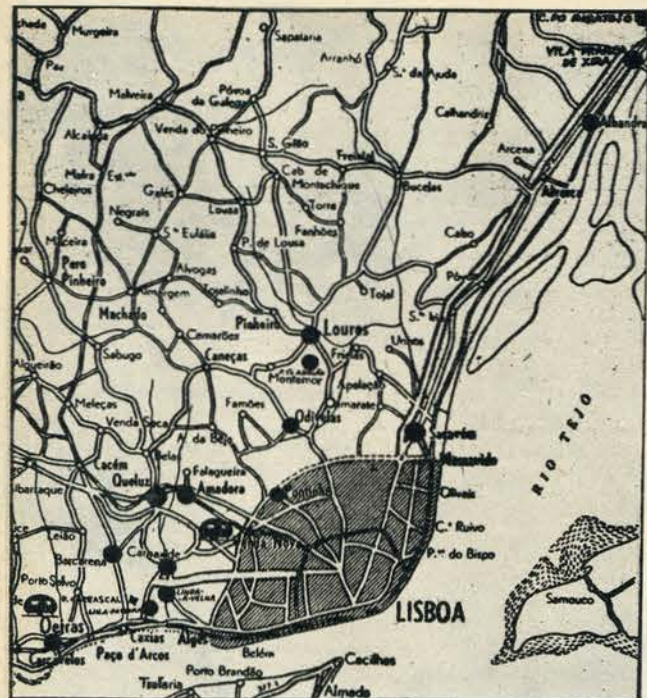
Sem escolher idades, grande percentagem da tragédia abateu-se sobre as crianças, fisicamente menos capazes de resistir. Os seus pequeninos corações guardarão para sempre a imagem terrível daquela noite em que os companheiros de escola morreram, os pais e os irmãos partiram para a viagem de que não há regresso. O primeiro drama viveram-no na noite em que os céus se abriram. À sua frente, agora, o segundo drama, o de estar vivo. E esse poderemos evitar-lho.

SEGUE

A solidariedade da nossa gente respondeu de pronto ao primeiro alerta. Sopa e uma bucha, o primeiro sustento para as crianças sinistradas. Aconchego para os males do estômago que os outros males, só conhecerão depois.

A enxurrada já passou. Águas, terra e destroços já passaram. Resta a calma trágica que a mente da pequenita não alcança. Uma praia ao pé da porta, numa casa que já não há, é brinquedo a aproveitar.





As zonas mais afectadas pelas inundações marcadas no mapa com círculos negros, vendo-se ao alto, à direita, a localidade de Castanheira do Ribatejo a que pertence a aldeia mártir de Quintas.



As bancas do «a, e, i, o, u» tornaram-se mesa de um refectório de emergência. Nos restos dos pequenos a imagem da tragédia que nunca mais esquecerão



A dor não se descreve. A dor vive nas mãos e na amargura de um rosto de mulher. A vida, já de si pródigo em desgostos, trouxe-lhe, agora, a maior das dores, a perda inesperada e brutal dos que lhe eram queridos.

UMA DESGRAÇA NUNCA VEM SÔ

«Uma desgraça nunca vem só». O aforismo repetiu-se numa proporção confrangedora. Foram muitas as desgraças. Foi a família que, pura e simplesmente, desapareceu na casa esventrada, foi a outra família da qual resta um único sobrevivente, errante, estático, que ainda não sabe como «aquilo» aconteceu. E não acredita, a verdade dos factos não lhe basta, que um montão de tábuas e lama seja tudo, seja o que resta dum lar que foi seu. E anda por ali entre carinhos e palavras amigas, conselhos e ofertas, tudo, e tanto, mas que são pequeno preço para minorar o seu drama.



Olhos que só vêm tragédia. Olhos que se fixam no infinito, ali a dois passos, e não vêm. Nada. O drama que ainda os envolve, e perdurará, é um universo cercado. Depois, nada. À ESQUERDA — A primeira refeição, após muitas horas de privações. Mas os estômagos apertam-se e as lágrimas são, por enquanto, o único pão para a sua fome.

SOBRE OS ESCOMBROS LANÇAREMOS A SEMENTE

Auxiliar é agora a palavra de ordem. Temos de dar aos que perderam tudo a certeza de que os homens — os verdadeiros homens — não perderão nunca o sentido da solidariedade. É preciso reconstruir. Dar um lar a todos que o perderam. Agasalhar os que têm frio. As lágrimas têm de ser substituídas pelo suor do trabalho. Será essa, agora, a única forma de chorar os mortos.



As obras de reconstrução da fábrica de papel de Alenquer começaram já



A limpeza do lamaçal que a água deixou foi trabalho de muitos dias.

Os automóveis na fúria das águas foram como brinquedos nas mãos de crianças.